

Pastoral Carcerária

Uma Experiência

Marcos Henrique Ferreira
seminarista da Diocese de Tubarão
grad. ITESC- 1995

A vida e a convivência com a Pastoral Carcerária me fez olhar o mundo com outros olhos. Fez-me ver o homem e a mulher encarcerados como filhos bem amados de Deus. Como pessoas que, excluídas pela sociedade, família, religião e amigos, precisam ser reintegradas, revalorizadas, e respeitadas na sua dignidade de seres humanos.

O sofrimento é a realidade mais palpável na prisão. Mas vi muita alegria, alegria que brotava dos pequenos gestos que fazíamos: um cumprimento, um olhar amigo, a escuta, tratá-los como filhos de Deus. Nas primeiras visitas, a pretensão de ensinar, de achar que se é melhor do que eles. Depois, vendo-me tão pequeno, aprendi com eles a confiar, a ter esperança em um mundo melhor, a crer na Providência divina. Pois Deus não se esquece de seus filhos amados.

Tive a graça de poder exercer por quatro anos a minha atividade pastoral no Complexo Penitenciário de Florianópolis, durante meus estudos teológicos. Havia já começado meu estágio pastoral na paróquia da Coloninha, com o Pe. Luiz PRIM, ali acompanhando um trabalho de periferia por mais de dois anos. Num intervalo das aulas no ITESC, perguntei ao Pe. Ney se poderia ir com ele visitar a Penitenciária. No mesmo instante foi aceita a minha proposta. Pe. Ney falou-me, porém, que eu deveria primeiro conhecer o ambiente, para ver se me sentiria bem. Depois da primeira visita, passei a acompanhá-lo nas quartas-feiras à noite, nos círculos bíblicos lá dentro da Penitenciária. Logo assumi esta atividade, enquanto Pe. Ney circulava pelos cubículos das galerias, visitando os presos que estavam de castigo e os novos que chegavam.

Nos meus estudos, sempre tentei conciliar o conteúdo das aulas com a minha experiência e vivência pastoral. As dificuldades, compartilhava-as com os professores e colegas, principalmente com Pe. Ney, sempre nos enriquecendo mutuamente na partilha e no aprendizado. Com os agentes da Pastoral

Carcerária, também a nível regional, fui assumindo aos poucos o papel de articulador.

Em relação aos próprios irmãos presos, no começo senti um pouco de receio, p. ex. nos pátios e galerias da Cadeia Pública, mas logo me senti bem junto a eles. Senti a necessidade deles de terem um amigo, alguém que lhes levasse a Palavra de Deus e lhes fizesse pequenos favores. Dentro da cadeia, nossa missão na maioria do tempo é a de **escutar** e, quando oportuno, transmitir uma palavra de fé e de esperança. É importante que o preso encontre em nós sinceridade e fidelidade. Pois só assim é que conseguimos entrar em seu mundo. Aparentemente ele não tem nada a nos dar, mas, pelo contrário, tem muito a nos ensinar: humildade, fé, esperança.

Com o passar do primeiro ano, fui conhecendo algo do sistema carcerário catarinense e do nacional. Em conversa com Pe. Ney e outros membros da Pastoral Carcerária, vimos a necessidade de nos reunir e de fazer um trabalho mais sistemático e organizado, uma vez que alguns de nós atuávamos na Penitenciária, outros no Presídio Masculino (Cadeia Pública), outros no Manicômio Judiciário, outros no Presídio Feminino. Conseguimos fazer, em 1992, o **1o. Encontro Regional de Pastoral Carcerária em Florianópolis**, ainda com pouca participação, mas já com os primeiros frutos. Antes estive em Porto Alegre, onde conheci o Pe. Paulo SCOPEL e participei de um Encontro Regional da PC no Rio Grande do Sul. Começamos assim a ter contacto com outros grupos de Pastoral Carcerária e trocamos experiências.

Vimos a necessidade de aumentar a nossa equipe, e conseguimos trabalhar em nossa formação, inclusive organizando um Encontro Regional, em julho de 1995, especificamente com este objetivo. Tivemos também o apoio de grupos externos, p. ex.,

*"Dentro da cadeia,
nossa missão na
maioria do tempo
é a de escutar"*

a Comissão de Direitos Humanos da OAB, que nos ajudaram a resolver algumas situações injustas vividas dentro da prisão.

Sempre procuramos trabalhar em equipe, dividindo o trabalho e as responsabilidades. Tivemos algumas dificuldades para conseguir esse entrosamento, é natural, mas os frutos apareceram. Na faixa externa, contribuimos para a criação e concretização do *Conselho da Comunidade* (órgão previsto na LEP, mas só recentemente instituído aqui em Florianópolis), onde hoje temos um representante.

Nos dois primeiros anos consegui conciliar meu trabalho de Pastoral Carcerária com o estágio na

paróquia da Colônia. A partir do 3o. ano, passei a dar prioridade à PC. Uma das coisas que me chamou a atenção foi a relativa dificuldade de conseguir adesões a esse trabalho: ao se convidar alguém para

*"A relativa
dificuldade de
conseguir adesões
para esse trabalho"*

fazer parte da Pastoral, escutava-se todo tipo de resposta, só com muita insistência conseguindo-se um novo membro para o grupo.

Com o passar dos anos e com outros Encontros diocesanos e regionais, pudemos articular um trabalho a nível de Regional Sul IV, incentivando outras dioceses a organizarem a sua Pastoral Carcerária. Grande alegria nossa foi a adesão da diocese de Joinville, cuja equipe participou do nosso 1o. Encontro Regional em 1992 e vem continuando firme, tendo chegado inclusive a elaborar pequeno Manual preparatório para novos agentes da PC. Esse Manual já é divulgado e compartilhado em todo o nosso Regional.

Junto com Pe. Ney, estive, no ano de 1994, em São Paulo, participando de uma reunião da Pastoral Carcerária Nacional. Lá conheci Pe. Geraldo MAUZEROLL, Pe. Francisco REARDON, Irmão João FAGHERAZZI e outros companheiros que fazem parte da equipe nacional. Assim pude ter uma visão mais global da PC Nacional, e participar de um sonho, o de termos uma Campanha da Fraternidade dedicada especialmente aos nossos irmãos presos e presas. Muitas reuniões aconteceram, cursos, correspondências, e o sonho sempre presente. Sempre con-

tamos com o apoio de Dom Demétrio VALENTINI, Bispo da linha 6 da CNBB. Pe. Geraldo organizou um abaixo-assinado e enviou-o para todo o país, e nós do Regional Sul IV colaboramos, viabilizando e colhendo assinaturas, mobilizando todo o nosso pessoal, a proposta afinal sendo acolhida pelos nossos Bispos.

Com a graça de Deus, temos, agora, a Campanha da Fraternidade de 1997, com o tema: *A Fraternidade e os Encarcerados*, e o lema: *Cristo liberta de todas as prisões*. Sabemos que uma Campanha não resolverá todos os problemas... Mas o que se quer é, junto com a Palavra de Deus, levar a todo o nosso país, às nossas comunidades eclesiais, o grande problema do nosso sistema carcerário e, num verdadeiro mutirão, procurar e achar soluções, pois, como está não pode ficar.

Hoje encontro-me fazendo meu estágio pastoral na Paróquia da Sagrada Família, em Araranguá, SC, junto com Pe. Sidnei VITALLI. Nessa paróquia, além das 24 comunidades, temos um Presídio Regional com mais de 90 presos. Neste ano de 96 conseguimos reunir uma equipe para visitá-los e assisti-los, e terminamos o ano inaugurando uma Biblioteca junto ao Presídio. Além das visitas periódicas tivemos celebrações, Santas Missas, e sempre fomos bem recebidos.

Na paróquia vejo como é importante um trabalho pastoral orgânico e organizado, pois não se pode trabalhar com pastorais de gavetas, ou setores separados. Nossa missão é a de articular, organizar, espiritualizar o povo de Deus e as lideranças, evidentemente sem fazer tudo sozinho, mas confiando nos leigos e leigas, sabendo trabalhar em equipe, dividindo os trabalhos. Por tudo o que tenho conseguido realizar agradeço ao Senhor, procurando corresponder ao chamado que Ele me faz.

Endereço do Autor:

*Paróquia da Sagrada Família
caixa postal 58
88900-000 ARARANGUÁ, SC*